

TURISMO E DIVERSIDADE CULTURAL NA ATRATIVIDADE DOS TERRITÓRIOS

Por Eunice Lopes e Raquel Moreira

O que para mim é estimulante no turismo, é tomar os seus terrenos como campos laboratoriais estrategicamente interessantes para a antropologia onde ela deve, e pode, afirmar a sua especificidade recorrendo, justamente, a uma delimitação artificial de um lugar (que não é empreendido por ela: “os lugares turísticos”) e que pode explorar com um know how específico de atribuição de voz ao local e de enquadramento mais vasto no seu quadro de produção social.

Cardeira da Silva, 2004, p.11

Turismo e diversidade cultural na atratividade dos territórios foi o título que escolhemos para a intervenção no 1.º Encontro do Grupo Práticas e Políticas da Cultura, realizado no Museu de Etnologia, em outubro de 2016. Esta designação decorreu do teor dos contributos enviados pelos membros do GPPC que nas suas investigações, concluídas ou em curso, abordam o tema do turismo.

A presente análise baseia-se no trabalho de nove investigadores, traduzindo-se num total de cerca de vintes investigações diferentes. A maioria dessas pesquisas abordam o turismo a partir de outros temas, o que é revelador da presença de práticas turísticas em diversos territórios e campos de estudo. Como temáticas de estudo ressaltam o património, as identidades e as reconfigurações territoriais e/ou culturais, domínios em que o turismo se tem tornado cada vez mais um fenómeno incontornável. Ou seja, conforme refere Cardeira da Silva (2004), de certo modo, através do turismo, a antropologia reencontra-se com o “lugar” como palco de dinâmicas sociais e culturais reconfiguradas pelo fenómeno turístico.

Mas, antes de prosseguirmos impõe-se a questão: de que falamos quando falamos de turismo e porque se torna tão necessário o seu estudo?

O turismo surgiu com a viagem por motivos de conhecimento, lazer e, mais tarde, por motivo de saúde e bem-estar. Referimo-nos ao Grand Tour, viagem que os jovens aristocratas ingleses realizavam pela Europa nos séculos XVII e XVIII, e que é considerado o antecedente mais direto do turismo. Falamos também do turismo balnear e termal, emergente a partir da segunda metade do século XIX e início do século XX. Durante a maior parte do século XX o turismo vai-se desenvolvendo e

crescendo a sua importância económica social e cultural, sempre associado principalmente a motivos de lazer. Mas, outros motivos vão surgindo, tais como razões profissionais, de negócios, religiosas, desportivas, entre muitas outras.

Atualmente o fenómeno turístico, as práticas e as experiências turísticas são tão diversificadas que se torna difícil definir o que é o turismo. Conforme refere Graça Joaquim (2015, p. 17),

“o turismo é aparentemente um fenómeno que abrange atividades, movimentações e práticas tão diferenciadas entre si que o único denominador comum entre todas elas parece ser a mobilidade. Se a palavra “turismo” não existisse estaríamos a abordar um vasto conjunto de estruturas, práticas e atores dificilmente relacionáveis no contexto da crescente pluralidade [e complexidade] que marca o fenómeno turístico”.

Foi no quadro desta complexidade, multidimensionalidade, pluralidade de práticas, mobilidade e viagem, dimensões inerentes ao fenómeno turístico, que orientámos a análise e síntese dos contributos dos investigadores do GPPC relativos à abordagem do turismo nos seus trabalhos. Nesse sentido, estabelecemos quatro critérios: os temas/projetos e áreas de estudo; as metodologias utilizadas; as palavras-chave indicadas; e os territórios de estudo.

Relativamente aos temas/projetos de investigação verifica-se uma certa predominância pelos estudos que articulam, cultura, património, identidades e turismo.

É o caso dos estudos de Eduarda Rovisco Gestão Prática da Fronteira e Processos de Identificação na Raia Central Luso-Espanhola (2004-2009), em que é abordado o processo de turistificação e criação de imagens e narrativas turísticas na zona raiana de Idanha-a-Nova, e Turismo e identificação nacional em Cabo Verde (início em 2011), em centrado numa reflexão em torno das intersecções e o crescimento do turismo e os processos de imaginação nacional em Cabo Verde.

É também o caso dos projetos Objetos Identitários. Recursos Turísticos e Turismo, Património e Museologia Marítima, de Eunice Lopes, em que os discursos, as motivações e as experiências relacionadas com espaços e objetos museológicos

(arte sacra e etnologia local) são analisados na perspetiva da construção de narrativas apropriadas pelos turistas.

No estudo Lugares de Fronteira: Indústria, Cultura e Património (2016-2019), Mariana Silva analisa processos de patrimonialização centrados no património industrial em relação com a construção da identidade local e os usos turísticos do património industrial e mercadorização de espaços de produção industrial.

Marta Lalanda Prista nas suas investigações de doutoramento e de pós-doutoramento centra-se na abordagem da arquitetura e turismo, primeiramente através do estudo sobre as Pousadas de Portugal (2006-2011), construídas na perspetiva de um certo turismo e de uma certa visão ideológica do país durante o Estado Novo, e mais recentemente nas análises das representações de identidade e cultura através da arquitetura (2012-2017). Nestes estudos nos quais a abordagem do turismo é vista na perspetiva das formas de espacialização de representações de identidade, cultura e passado e no entendimento e usos atuais da memória e do passado.

A gastronomia e a patrimonialização das culturas alimentares constituem temas indissociáveis da análise dos usos turísticos da alimentação, temática abordada nos estudos de Joana Lucas e de Raquel Moreira.

Joana Lucas, no projeto A dieta mediterrânica enquanto Património Cultural Imaterial da Humanidade. Para uma etnografia das suas práticas, impactos e usos turísticos em Portugal e Marrocos (2015-2022), centra-se na abordagem da patrimonialização da dieta mediterrânica decorrente da classificação como Património Imaterial da Humanidade, articulando esses processos com os usos turísticos daí decorrentes.

Neste mesmo domínio de estudo, Raquel Moreira tem estudado a patrimonialização das culturas alimentares locais, tornando-as gastronomias locais (gastronomização), processos que decorrem frequentemente em contextos turísticos. Esse percurso iniciou-se o estudo sobre as queijadas de Sintra (1999; 2004), e tem sido continuado em trabalhos como o projeto Inovar e Valorizar as Tradições Alimentares Enquanto Percursoras da Conservação da Natureza e do Desenvolvimento Local em Alcácer do Sal (2006), mais centrado na identificação de potencialidades turísticas; o Estudo sobre as Origens e as Influências da

Gastronomia do Concelho de Almada (2013) em que se procurou analisar a patrimonialização de certos pratos e locais gastronómicos; na pesquisa sobre Tendências Gastronómicas e Modificações Recentes na Cidade de Lisboa (2014; 2016); e presentemente no projeto de Levantamento do Receituário e das Tradições Gastronómicas do Concelho de Cascais (2016-2017) em que se procura identificar e caracterizar o património gastronómico do concelho de Cascais.

Num outro domínio, o das dimensões mais espaciais do turismo, nos projetos de investigação Manufacturing Lisbon in the American Mind (2015) e Turismo e Mundos Urbanos: Perspetiva Histórica Comparada (2015), Frédéric Vidal estuda o papel e os efeitos das práticas turísticas e de lazer na transformação do uso e perceção de espaços e territórios urbanos ou em via de urbanização.

A estas temáticas juntam-se outras mais específicas, como a representação do turismo na literatura (Sofia Sampaio), ou em narrativas cinematográficas (Sofia Sampaio), ou ainda o turismo visto através de outras formas de visualidade, como a fotografia (Sandra Marques).

No domínio da literatura, o estudo de Sofia Sampaio em torno da análise do turismo nos romances italianos de E.M. Forster (2008 e 2012) é o único a abordar esta temática.

Recorrendo a metodologias da antropologia visual e centrando-se na relação entre narrativas cinematográficas, discursos sobre o turismo e práticas turísticas constitui outro domínio temático de abordagem do turismo. Nele se incluem os trabalhos de Sofia Sampaio (2009-2013) e de Sandra Marques, desenvolvido na Índia, em que são analisadas as práticas de turismo internacional em Kolkata (Calcutá, Índia) examinando os modos de desempenho das imagens visuais e textuais enquanto mediadores da experiência turística e das relações Turista/Anfitrião.

Finalmente formas específicas de turismo, como o turismo ligado à água, quer seja ao mar ou a rios e albufeiras constituem temas de estudo nos trabalhos mais recentes de Eunice Lopes, designadamente o projeto Turismo, Património e Museologia Marítima (Museu da Nazaré) e Turismo Fluvial, Território e Identidade (Rio Zêzere). Num e noutro analisam-se discursos, motivações e experiências ligadas ao mar e à patrimonialização de práticas e de imaginários a ele associados,

através de um espaço museológico, no primeiro caso, e aos rios e praias fluviais no segundo caso.

Esta diversidade de temas, ainda que por vezes próximos entre si, é reveladora da multidimensionalidade e da complexidade do estudo do fenómeno turístico e também do seu papel na “produção de localidade” (Appadurai, 2004) e na mercadorização das culturas locais (Cardeira da Silva, 2004).

Relativamente às áreas de estudo, a análise efetuada revelou uma incidência nos seguintes domínios (ver PowerPoint da apresentação):

Identities, Representations, Tourism

Património e Identidades

Património, Alimentação, Patrimonialização, Turismo

Antropologia Urbana, Identidades

Antropologia do Espaço, Identidades

Antropologia do Turismo

Antropologia Visual

Antropologia Visual, Experiência turística

Antropologia da Alimentação

Antropologia e Património

A sistematização das palavras-chave utilizados pelos vários investigadores para situar os seus trabalhos é igualmente reveladora da predominância das palavras turismo, identidade, património e práticas turísticas, a par de muitos outros termos, que constam da apresentação em PowerPoint feito no encontro.

As metodologias utilizadas são as metodologias de investigação habituais em antropologia e etnologia, juntando-se de forma significativa metodologias de análise visual próprias da antropologia visual.

Quanto aos territórios de estudo é sobretudo em Portugal que a maior parte dos trabalhos se realizaram ou decorrem, em locais como Alcácer do Sal, Aveiro, S. João da Madeira, Lisboa, Almada, Cascais, Sintra, Nazaré, Fátima, Tomar, Óbidos, Idanha-a-Nova, Tavira e Viana do Castelo. Fora do território português, registamos estudos em Cabo Verde (Ilhas de Santiago, São Vicente e Boavista, na Índia (Kolkata / Calcutá) e em Marrocos (Chefchaouen).